

---

## Juventudes e educação geográfica: uma análise bibliométrica da literatura internacional

### Youth and Geographic Education: A Bibliometric Analysis of International Literature

## Juventud y educación geográfica: un análisis bibliométrico de la literatura internacional

Raquel Almeida Mendes <sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0001-5216-2288>

Rafael Straforini <sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-6122-3297>

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil, email. [almeidamendesraquel@gmail.com](mailto:almeidamendesraquel@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil, email. [strafo@unicamp.br](mailto:strafo@unicamp.br)

Recebido em: 30/07/2025

Aceito para publicação em: 28/09/2025

---

### Resumo

Este artigo investiga o estado atual das pesquisas sobre educação geográfica e juventudes por meio de um levantamento bibliográfico na plataforma Web of Science (WoS). Metodologicamente, adota-se a revisão de literatura e a análise bibliométrica para mapear a produção científica, considerando aspectos como evolução anual, principais autores, documentos mais citados, redes de colaboração e periódicos em destaque. A busca pelos termos “Youth AND Geography AND Geography Education”, com filtros de documento e área, resultou em 205 artigos analisados via VOSviewer e Bibliometrix. Os resultados indicam um subcampo em expansão, em diálogo com diferentes abordagens da Geografia e da Educação, mas que ainda carece de maior atenção às diversidades regionais, raciais, étnicas, sexuais e de gênero.

**Palavras-chave:** Juventudes; educação geográfica; geografias das juventudes; análise bibliométrica.

---

### Abstract

This study investigates the current state of research on geographical education and youth through a bibliographic survey on the Web of Science (WoS) platform. Methodologically, it adopts literature review and bibliometric analysis to map scientific production, considering aspects such as annual evolution, leading authors, most cited documents, collaboration networks, and prominent journals. The search using the terms “Youth AND Geography AND Geography Education,” with document type and subject area filters, resulted in 205 articles analyzed using VOSviewer and Bibliometrix. The results indicate an expanding subfield, engaging with different

approaches in Geography and Education, but still lacking greater attention to regional, racial, ethnic, sexual, and gender diversities.

**Keywords:** Youth; geographical education; geographies of youth; bibliometric analysis.

---

### Resumen

Este estudio investiga el estado actual de la investigación sobre educación geográfica y juventudes a través de un levantamiento bibliográfico en la plataforma Web of Science (WoS). Metodológicamente, se adopta la revisión de literatura y el análisis bibliométrico para mapear la producción científica, considerando aspectos como la evolución anual, los principales autores, los documentos más citados, las redes de colaboración y las revistas destacadas. La búsqueda con los términos “Youth AND Geography AND Geography Education”, con filtros de tipo de documento y área temática, resultó en 205 artículos analizados mediante VOSviewer y Bibliometrix. Los resultados indican un subcampo en expansión, en diálogo con diferentes enfoques de la Geografía y la Educación, pero que aún requiere mayor atención a las diversidades regionales, raciales, étnicas, sexuales y de género.

**Palabras clave:** Juventud; educación geográfica; geografías de la juventud; análisis bibliométrico

---

### Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo analisar e compreender, de forma abrangente, o panorama de estudos e pesquisas existentes sobre juventudes e educação geográfica a partir da análise bibliométrica de artigos científicos publicados e indexados na base de dados Web of Science (WoS). Nossa proposição está relacionada a um levantamento sistemático da produção científica nacional e internacional no subcampo dos estudos sobre a categoria juventude na interface com a educação geográfica, averiguando as principais autorias, documentos mais citados, temáticas centrais de investigação, principais instituições de pesquisa, redes de colaboração, dentre outros dados.

A análise bibliométrica, por se tratar de um método flexível e dinâmico que consiste na documentação da produção científica e, até mesmo, na avaliação dos

conjuntos de trabalhos científicos produzidos, nos auxilia no mapeamento de áreas e subáreas da ciência ainda em expansão, como é o caso dos aspectos aqui investigados.

Ainda que a discussão sobre os processos metodológicos da pesquisa seja melhor abordada no próximo tópico, intitulado “Materiais e Métodos”, acreditamos que os mecanismos da bibliometria têm muito a contribuir na construção de um sólido plano investigativo que, independentemente da modalidade de pesquisa e área do conhecimento, aponta tendências, avanços, ausências e controvérsias. Tais aspectos, de extrema importância na clareza de um referencial teórico bem fundamentado e alinhado com movimentos teóricos de renovação da ciência geográfica em escala local, desvelam as peculiaridades de cada cidade ou região do nosso país, ou mesmo as possíveis trocas e diálogos com redes científicas internacionais.

Nosso interesse na construção do presente manuscrito, para além da construção de uma base de conhecimentos bibliográficos, está fundamentado, aprioristicamente, ante as transformações sociais, econômicas e culturais das últimas décadas difundidas em escala planetária, do Norte Global ao Sul Global, grande parte em decorrência da globalização e do avanço do capitalismo informacional, bem como das constantes intercorrências no que concerne à profusão de discursos e ações neoliberais no mercado de trabalho, nos espaços educacionais e no modo como nos relacionamos enquanto partícipes de uma sociedade centrada no lucro e reprodutora de desigualdades.

Como a Geografia tem atuado mediante tais imbróglis? O que tem se ensinado e pesquisado sobre/para/com as juventudes em tempos de precarização e racionalidade neoliberal? Qual é o papel dos saberes geográficos na construção de visões de mundo politicamente e socialmente engajadas? Nosso percurso não se propõe a, necessariamente, responder tais questionamentos, até porque nos parecem deveras complexos e desafiantes, demandando mais do que as presentes páginas aqui compostas. No entanto, queremos ratificar que os estudos juvenis na Geografia, tanto na literatura brasileira quanto na internacional, decorrem dessas inquietações (e de

muitas outras) sobre grupos menos favorecidos, tais como os jovens, em especial jovens pobres, negros, indígenas e imigrantes em relação às suas experiências espaciais e possível mobilização do raciocínio geográfico frente a modelos sociais delimitadores e projetos de vida que, por vezes, tratam de gerir as vivências, oportunidades e desafios próprios da juventude numa lógica de homogeneização das diferenças (Lopes, 2019) e de secundarização das identidades individuais e coletivas no espaço.

No contexto brasileiro, em discursos mais recentes acerca do novo ensino médio, expressões como protagonismo juvenil e projetos de vida ganham destaque, pois, em tese, representam uma articulação discursiva do movimento reformista supostamente preocupada com a qualidade educacional referente à última etapa da Educação Básica, o ensino médio, composto majoritariamente por jovens. Não fosse o amplo reconhecimento dos sujeitos e grupos privados envolvidos nos bastidores dessa reforma educacional em vigor no Brasil e em outros países latino-americanos tais como Chile e Argentina, poderíamos olhar com otimismo a atenção do Estado para o futuro dos/as jovens. No entanto, estamos em alerta face às artimanhas de um currículo único/base para um país que dispõe de condicionantes socioculturais tão diversas, conseqüentemente, realidades juvenis tão distintas em face de critérios regionais, de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e de distintas dinâmicas migratórias inter e intrarregionais.

A juventude, como uma categoria social de análise, ganha relevância nos debates acadêmicos a partir das últimas décadas do século XX, principalmente no campo das Ciências Sociais. De acordo com Groppo (2004), a Sociologia da Juventude se consolidou historicamente através de duas principais abordagens: i) como um grupo social homogêneo, definido por características de uma determinada faixa etária; e ii) como um grupo social diversificado, composto por jovens provenientes de diferentes realidades de classe, raça e gênero.

Embora a faixa etária seja um ponto de partida importante para a definição da condição juvenil, ela não consegue captar a variedade de experiências vividas pelos jovens. Segundo Martins e Carrano (2011), as disparidades no que tange à inserção social, ao acesso a bens e equipamentos culturais, assim como às múltiplas realidades políticas, econômicas e culturais, são premissas básicas acerca das variadas identidades juvenis, dos muitos modos de ser jovem. Nesse sentido, as discussões sobre essa categoria têm caminhado para as considerações do cotidiano e das experiências presentes como um espaço/tempo de formação significativo (Dayrell, 2003), repleto de complexidades que superam as ideias comuns de libertinagem, transitoriedade e/ou incerteza frequentemente associadas à juventude.

Nesse sentido, no intuito de estabelecer diálogos profícuos para a educação geográfica, tais como os encaminhados na Sociologia e Pedagogia das Juventudes, temos realizado aproximações com os estudos em curso e com os/as pesquisadores/as da área, de modo a tensionar os fundamentos existentes para se pensar os/as jovens mediante a interface da educação geográfica.

Sob a perspectiva de uma pesquisa quanti-qualitativa de caráter bibliográfico e a partir dos levantamentos dos artigos da Web of Science, buscamos aferir as abordagens sobre a categoria juventude presente nas pesquisas acadêmicas ligadas a educação geográfica, bem como a diversidade de metodologias e encaminhamentos realizados nos últimos anos em prol de uma Geografia das Juventudes, conforme as discussões de Turra Neto (2013).

Acreditamos que a multiplicidade do processo de produção do/no espaço geográfico, decorrente da pluralidade dos sujeitos envolvidos, incluindo os/as jovens e a construção de identidades dos mais diversos sentidos, contemplando desde classe social a religiosidade, deve ser reconhecida na dinâmica dos ambientes vividos a partir do viés da diferença e incorporada nas práticas pedagógicas de Geografia junto aos jovens.

A formação das juventudes para com a mobilização dos conhecimentos da Geografia nos aponta para um lugar potente, mas ainda delicado, no campo da formação inicial e continuada de professores/as, onde a juventude como categoria social de análise tende a ser negligenciada, podendo, por vezes, reiterar estereótipos e/ou reforçar preconceitos sobre os/as jovens escolares.

Nesse sentido, concordamos que o/a docente e pesquisador/a não devem enxergar as juventudes pelo estigma da irresponsabilidade/imaturidade, nem mesmo como seres incompletos, cabendo apenas o papel de receptor dos saberes advindo das instituições sociais; pelo contrário, devem ser vistos/as como agentes de produção de conhecimento, com contexto social e cultural significativo, podendo somar com leituras no campo da sua cotidianidade.

A atuação dos/as pesquisadores/as e professores/as de Geografia, em específico, deve tensionar e intermediar a dimensão da espacialidade acerca dos/as jovens escolares e suas identidades (Turra Neto, 2013). Defendemos, portanto, que o processo educativo ocorra de maneira aproximada, auxiliando-os no entendimento de suas práticas espaciais, reconhecendo suas falas, visões de mundo e pertencimentos como norteadoras na construção do raciocínio geográfico, “[...] tomando a espacialidade como objetivo precípua das interpretações geográficas e afirmando que, através desse exercício interpretativo, pode-se favorecer, junto aos educandos, a consolidação de cidadanias ativas” (Roque Ascensão e Valadão, 2014, p.09).

Nessa perspectiva, pensando nas contribuições da educação em Geografia, temos um meio propício para a construção de aprendizagens potentes no processo de compreensão e de disputas dos próprios sentidos discursivos do cotidiano e dos contextos socioculturais da juventude. Para além de um senso comum, em que a Geografia escolar é equivocadamente resumida a estudos desordenados e fragmentados, ora de natureza física, ora humana, pautamos que os saberes geográficos da/na escola devem ser fundamentados em saberes provenientes da

indissociabilidade de uma ciência de referência e dos saberes didático-pedagógicos comprometidos com a formação do pensamento crítico do/da jovem estudante.

Através desses discursos introdutórios, fundamentamos o objetivo, justificativa e principais horizontes teóricos relacionados aos tópicos centrais do presente trabalho. De modo a denotar melhor organização nos debates aqui construídos, estruturamos o artigo em três partes: I. “Materiais e métodos”, II. “A dimensão geográfica dos estudos sobre juventudes no Brasil” e III. “Análise Bibliométrica das pesquisas sobre juventudes e educação geográfica”. Na primeira parte, tratamos de debater nossos percursos metodológicos, desde a revisão da literatura até o levantamento dos dados bibliométricos. Na segunda parte, traçamos uma reflexão acerca das perspectivas geográficas dos estudos juvenis no Brasil e, por fim, na terceira parte, efetuamos a análise bibliométrica propriamente dita, refletindo sobre os principais resultados dos registros bibliográficos selecionados na literatura internacional e as principais informações encontradas concernentes à caracterização do atual estado do subcampo das Geografias das juventudes em interface com a educação.

### **Materiais e métodos**

A bibliometria trata-se de uma disciplina da ciência da informação que utiliza métodos quantitativos e estatísticos para analisar a produção, disseminação e uso da informação registrada em documentos, como artigos científicos, livros, patentes e outras formas de publicações (Glänzel, 2003). Tal área se concentra em medidas bibliográficas e indicadores para avaliar características e tendências da produção científica, como o número de publicações, frequência de citações, autoria, colaboração entre pesquisadores, entre outros. A bibliometria tem sido amplamente aplicada em diversas áreas, incluindo o campo das ciências exatas, tecnológicas e humanidades, a exemplo das Ciências Sociais, Geografia e História, fornecendo insights valiosos sobre o impacto e a visibilidade da pesquisa em diferentes campos do conhecimento.

A construção de mapeamentos acerca das produções científicas existentes, segundo Ziman (1978), auxilia na compreensão do teor da produtividade acadêmica

de pesquisadores/as, centros de pesquisa, universidades, áreas do conhecimento, dentre outros aspectos. Tais insights, oriundos da literatura científica, ganham força com o surgimento da internet e, conseqüentemente, da criação de softwares de armazenamento e processamento de informações. Bases de dados como a Web of Science e softwares como VOSviewer e Bibliometrix, adotada nesta pesquisa, possibilitam e facilitam o acesso a fontes seguras e relevantes no processo de formulação e tratamento do corpus de registros bibliográficos selecionados para a etapa da bibliometria.

Assim, devemos compreender a análise bibliométrica enquanto mecanismo analítico de abordagem quantitativa que utiliza métodos e ferramentas computacionais para avaliar e estudar a produção, disseminação e impacto da literatura científica. Essa análise envolve a aplicação de medidas estatísticas em conjuntos de dados bibliográficos, como artigos científicos, livros, patentes e outras formas de publicações, com o objetivo de identificar padrões, tendências e relações entre os diferentes elementos dessas publicações (Thelwall, 2008).

A precisão e relevância dos dados obtidos por meio dos recursos da análise bibliométrica foram popularizadas e amplamente utilizadas em diversas áreas do conhecimento, nos últimos anos, para avaliar o impacto da pesquisa, identificar áreas emergentes, acompanhar o desenvolvimento de campos específicos e apoiar a tomada de decisões em política científica e gestão de pesquisa (Glänzel, 2003).

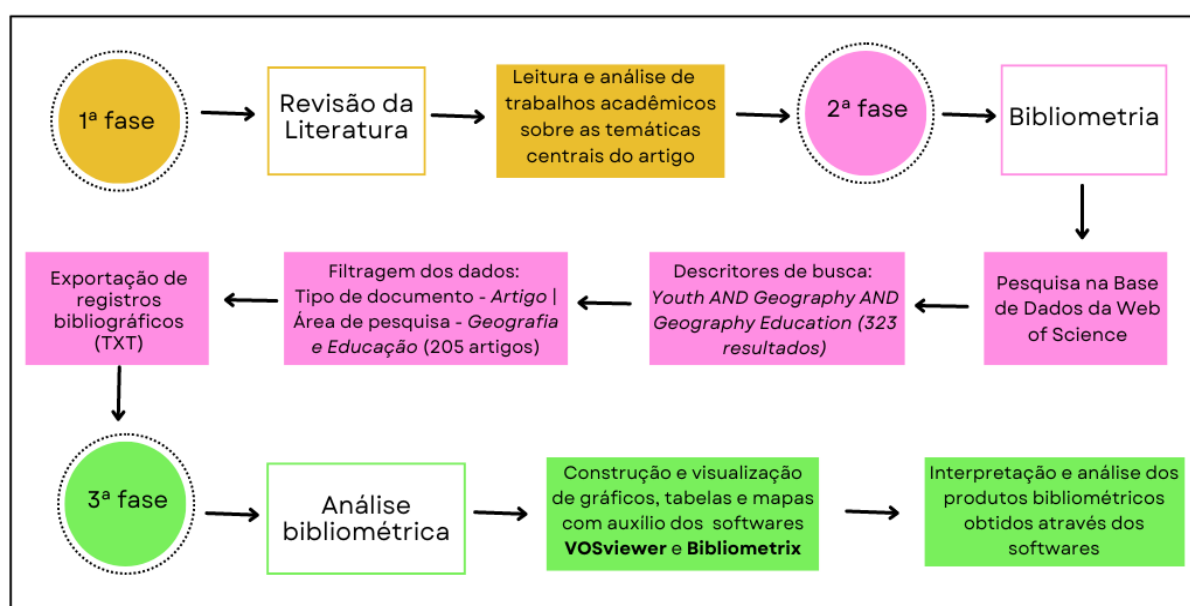
A utilização da análise bibliométrica no presente processo de construção do trabalho e a interface com a categoria Juventude acontecerá mediante os artigos acadêmicos presentes na Web of Science, plataforma originalmente produzida pelo Institute for Scientific Information (ISI) e atualmente mantida pela Clarivate Analytics. Tal plataforma possibilita acesso a vários bancos de trabalhos acadêmicos e fornece dados abrangentes e citações para muitas áreas da ciência, incluindo a Geografia, além de proporcionar uma compreensão abrangente e sistemática do estado atual da pesquisa sobre juventudes e educação geográfica em escala global, considerando redes

de colaboração, citações, produção anual, autorias e coautorias mais relevantes num contexto macro de análise de um montante de produtos publicados e indexados na WoS.

Por meio da análise quantitativa e qualitativa dos dados bibliográficos disponíveis, será possível identificar tendências, padrões de publicação, temas recorrentes, principais autores e instituições, além de mapear as redes de citações e colaboração entre pesquisadores. Essa abordagem permite uma análise crítica e contextualizada das pesquisas sobre Geografia e Juventudes, fornecendo aspectos valiosos para a identificação de lacunas no conhecimento, o desenvolvimento de novas investigações e a formulação de políticas e práticas mais informadas e eficazes relacionadas ao tema (Glänzel, 2003).

No que diz respeito às etapas adotadas na presente bibliometria, construímos o seguinte fluxograma (fluxograma 1), em diálogo com os aspectos de tratamento de registros bibliográficos apresentados acima. Em síntese, buscamos pormenorizar os passos dados para a construção da análise, desde a etapa inicial de seleção dos dados até a fase final da análise dos resultados.

Fluxograma 1- Etapas metodológicas adotadas na pesquisa



Fonte: Elaborado por Mendes (2024).

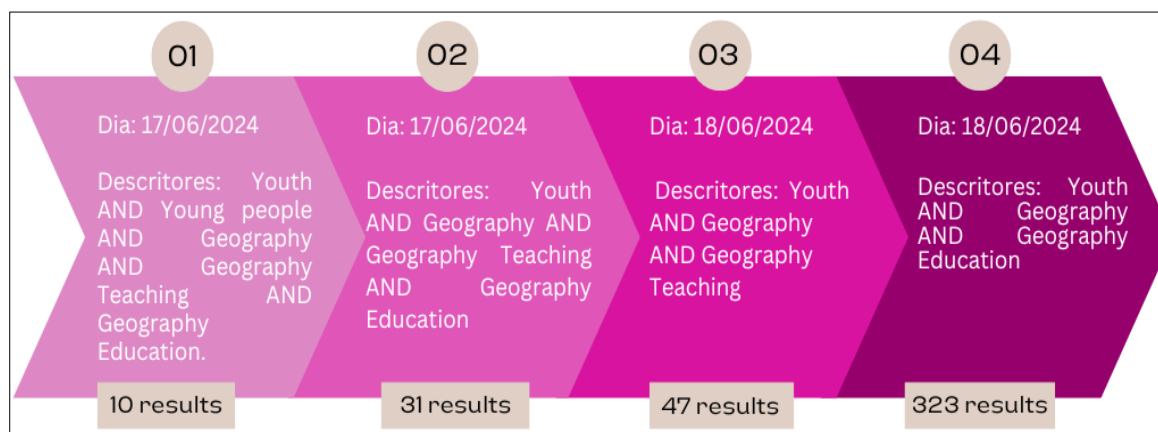
Constituído por três fases principais, o fluxograma destaca, em primeiro plano, a etapa de revisão da literatura, essencial na construção de qualquer pesquisa e na elaboração de qualquer produto acadêmico comprometido com o rigor científico. No caso desta pesquisa, a busca apriorística por trabalhos no campo das Juventudes e educação em Geografia tem a ver com a fundamentação dos conceitos e abordagens geográficas e pedagógicas em torno desses dois aspectos fundamentais do horizonte teórico deste texto, ou seja, da dimensão da Geografia enquanto conhecimento científico e escolar em diálogo com jovens estudantes.

Nossa revisão da literatura, em linhas gerais, trata das questões juvenis em sua dimensão sociocultural (Aguilera Ruiz, 2010; Groppo, 2015), espacial (Cassab, 2012; Oliveira, 2023; Cavalcanti, 2013; Turra Neto, 2008) e pedagógica (Dayrell, 2003, 2007; Carrano, 2009, 2011; Sposito, 2000). Dentre outros campos de conhecimento pertinentes, adentrou em nosso horizonte de busca o anseio por artigos, teses e dissertações que operam diretamente com a análise bibliométrica, mais especificamente trabalhos no campo da Educação e da Geografia. Por intermédio desses registros, foi possível observar o campo de possibilidades da bibliometria na interface entre temas educacionais e geográficos, bem como os descritores, as bases de dados, filtragens, softwares de processamento, ferramentas de análise e produtos visualizáveis gerados (fluxogramas, mapas, tabelas, gráficos, quadros, nuvens de palavras etc.).

Avançando para a segunda fase da investigação, na realização da bibliometria propriamente dita, iniciamos com uma série de escolhas que não foram feitas aleatoriamente, afinal, cada escolha pode encaminhar para novos rumos e sentidos da análise bibliométrica. A primeira escolha estava relacionada à base de dados para a seleção da literatura científica. Após algumas verificações, optou-se pela plataforma da Web of Science por indexar de maneira segura registros bibliográficos provenientes de várias regiões do mundo, dispondo dados sobre o número de citações, incluindo o fator de impacto e índice H.

Após a escolha da plataforma de dados, partimos para a escolha dos descritores de busca. Esse processo de seleção é muito importante, pois alinha o teor dos conteúdos dos trabalhos aos quais queremos agrupar dentro do nosso corpus de análise. No total, efetuamos quatro tentativas, conforme destacado no Fluxograma 2, no intervalo de dois dias. Na primeira tentativa, no dia 17 de junho de 2024, adotamos os descritores “Youth AND Young People AND Geography AND Geography Teaching AND Geography Education” e conseguimos apenas 10 resultados. De modo a garantir mais trabalhos selecionados, conseqüentemente, maior capacidade de generalização acerca das abordagens geográficas presentes nos estudos juvenis, optamos por suprimir o descritor “young people” em nossa segunda tentativa, obtendo, nesse novo rearranjo, o número ainda limitado de 31 resultados.

Fluxograma 2- Tentativas de definição dos descritores/termos de busca na Wos



Fonte: Elaborado por Mendes (2024).

Devido ao horário avançado e aos nossos esforços na revisão da literatura, realizamos a terceira tentativa no dia seguinte, retirando o descritor “Geography Education”. No entanto, o resultado ainda foi insatisfatório, com apenas 47 resultados. Logo em seguida, optamos por retornar com o descritor “Geography Education” e suprimir o descritor “Geography Teaching”. Com esse conjunto de categorias de busca, finalmente encontramos um bom quantitativo de produtos (323 resultados). Usando os filtros “Tipo de documentos - Artigo” e “Área de pesquisa - Geografia e Educação/Pesquisa Educacional”, chegamos ao total pós-filtragem de 205 resultados, um excelente número dentro dos parâmetros da pesquisa bibliométrica.

Após a etapa supracitada, efetuamos a exportação dos dados em formato TXT e, em seguida, iniciamos um processo de refinamento, com o objetivo de buscar dados que, porventura, estivessem duplicados nos registros da plataforma. Dentro da nossa análise, não encontramos nenhum dado duplicado e, portanto, avançamos para a última etapa subsequente.

A etapa de análise bibliométrica se conforma como a mais importante desta pesquisa, sem nenhum tipo de aceção às demais etapas que auxiliam e possibilitam o ápice desta. No entanto, uma série de dados obtidos e armazenados, por si só, não é suficiente para a construção de uma análise; é necessário que haja reflexão e trato direto e aprofundado das inúmeras questões e respostas possíveis que os produtos bibliográficos gerados nos softwares podem nos despertar. O que se deseja é extrair as melhores e mais pertinentes informações acerca da produção científica sobre juventudes e educação em Geografia.

Cabe ressaltar que, além do maior número de trabalhos rastreados por intermédio do descritor “educação geográfica”, parece pertinente a adoção dessa categorização mais ampla, pois, apesar da abordagem dos saberes geográficos em inter-relação com a juventude estar atrelada diretamente à escola, principal espaço de profusão de conhecimento geográfico formal, esse processo não se restringe somente ao contexto formal de educação. Afinal, existe um amplo repertório de lugares e de territorialidades consubstanciadas pelo cotidiano da juventude, tais como coletivos juvenis, movimentos sociais, organizações comunitárias, instituições religiosas, espaços culturais, dentre outras espacialidades que também dialogam com o processo de educar, aprender e ensinar através da Geografia, podendo, portanto, serem alvo de pesquisas e artigos existentes.

Continuando as discussões acerca da análise bibliométrica, gostaríamos de ressaltar os dois softwares de análise de dados que empregamos para a nossa pesquisa, sendo eles o VOSviewer e o Bibliometrix. O VOSviewer é um software holandês gratuito de visualização de dados que nos auxiliou fortemente na construção

e análise das redes de colaboração entre autores e países, bem como na confecção de mapas de co-ocorrência de citações e palavras-chave. Quanto ao Bibliometrix, desenvolvido para o ambiente estatístico do RStudio, o utilizamos, principalmente, para analisar e visualizar a produção científica anual, autores/as mais relevantes, autores/as mais citados, principais periódicos científicos, nuvens de palavras-chave mais recorrentes entre os artigos, dentre outros aspectos passíveis de serem evidenciados com o programa.

As reflexões teórico-metodológicas e os produtos mencionados acima serão melhor apresentados e discutidos nos tópicos a seguir. No entanto, reforçamos a relevância de pesquisas do tipo bibliométrico, que, por vezes, não são adotadas devido a determinados equívocos ou mesmo receios oriundos da corrente positivista e quantitativa da Geografia. Por mais que a Geografia teórica-quantitativa tenha sido atravessada por inúmeras críticas advindas do orgânico movimento de renovação da ciência geográfica, sobretudo da geografia crítica, há uma série de aspectos valiosos que os conteúdos estatísticos podem nos proporcionar no que diz respeito ao reconhecimento do que tem sido estudado, problematizado e enquadrado nas tendências, recuos e avanços no entendimento dos fenômenos e pesquisas geográficas frente à produção científica nacional e mundial.

### **A dimensão geográfica dos estudos sobre juventudes no Brasil**

As tradições dos estudos juvenis, oriundos de inúmeras perspectivas teóricas, questionadas e/ou consubstanciadas ao longo das últimas décadas, especialmente no campo das Ciências Sociais, marcam tendências e olhares específicos de sistemas de conceitos e métodos em relação à categoria jovem. A denominada sociologia da juventude tem evidenciado, em suas trajetórias acadêmicas, as contribuições da área para o conhecimento sobre a atuação e a percepção da juventude nas sociedades contemporâneas.

Ao estabelecer tal debate, Groppo (2015), com foco nas classificações e/ou sistematizações desse campo de conhecimento, destaca três macro premissas sobre o tema da juventude enquanto categoria social e histórica, presente na produção sociológica ao longo do século XX, sobretudo nas percepções das Ciências Sociais europeias e norte-americanas, e seus desdobramentos na construção do pensamento sociológico no Brasil.

Para o autor acima, em diálogo com as teorias de currículo de Silva (1999), é possível classificar as abordagens da sociologia da juventude em correntes tradicionais, críticas e pós-críticas. Em síntese, a perspectiva tradicionalista está relacionada ao estrutural-funcionalismo, focada na integração dos grupos juvenis (por vezes vistos como risco e subversão da 'normalidade') a uma estrutura social estabelecida, na qual estes atuam em processos de socialização secundária. Na perspectiva crítica, contesta-se o processo integrativo ao reconhecer que o espaço-tempo das juventudes, de maneira positiva, está relacionado a uma relação experimental entre os valores existentes, a realidade vivida e as transformações sociais, sob a ótica da moratória e das correntes geracionais, assim como o questionamento acerca da uniformidade do ser jovem e a impossibilidade do olhar extraclasse social, proveniente das proposições da corrente classista. No que concerne às teorias pós-críticas, há a negação das categorias etárias e a defesa em torno das socializações plurais, múltiplas e ativas das experiências dos jovens.

O intuito de recorrer nessa introdução aos debates de Groppo não é fechar ideias, ou mesmo centralizar uma meta de categorização das tendências dos estudos juvenis na Geografia, mas sim reconhecer a dinamicidade das questões juvenis e as demandas por parte da apropriação de marcadores teóricos e conceitos científicos pré-existentes, ao mesmo tempo em que se exigem direcionamentos próprios ao uso de pressupostos exequíveis e cabíveis para as abordagens presentes na Geografia, sobretudo aquelas capazes de considerar os grupos juvenis como um conjunto de individualidades e coletividades que não podem ser vistas como resultado de mera

sobreposição de chaves teóricas tradicionais, ou de olhares distanciados, etnocêntricos, adultocêntricos, na conformação da visão do jovem como problema social. Dedicamos, assim, tempo e esforço ao entendimento dos caminhos que a Geografia oferece para o debate da condição juvenil em suas tendências, limites e potencialidades.

O processo de elaboração da análise bibliométrica, construída posteriormente a este tópico, nos apresentou importantes pistas provenientes de trabalhos (artigos científicos, dissertações, teses, entre outros) e da constelação de conceitos mobilizados para uma dimensão geográfica da categoria jovem que não se trata, necessariamente, de uma perspectiva isolada. Estamos abordando um tema em processo de expansão, ainda pouco reconhecido por e a partir da nossa ciência de referência, portanto, é imprescindível estabelecer correlações com outras áreas. Contudo, também acreditamos na existência de perspectivas "originais", próprias das epistemes e categorias da Geografia e de seus movimentos de renovação na composição deste novo subcampo de investigação denominado Geografias das Juventudes (Oliveira, 2023), atrelada à compreensão da espacialidade juvenil, dos atributos espaço-temporais presentes perante os processos de subjetivação da experiência, dos sentimentos e da corporeidade destes indivíduos em sua relação com o mundo, com o espaço vivido, percebido e imaginado (Corrêa, 2001).

A partir disso, consideramos que o olhar da Geografia para as juventudes contemporâneas expressa a busca pelo entendimento das relações destes/as com o espaço, nossa categoria analítica chave, e não somente essa pura relação, como destaca Oliveira (2015). Há também outras dimensões que envolvem desde a produção do espaço até às implicações desses sujeitos sociais nas disputas e organização dos territórios, assim como no reconhecimento das práticas espaciais cotidianas (Cavalcanti, 2013) como condição para a construção e afirmação das identidades e culturas juvenis.

Enquanto um movimento particular na construção e inserção nesse debate de nossa parte tentaremos manter o cuidado em não estabelecer fechamentos, ou mesmo

restrições às outras possibilidades de abordagem da dimensão espacial juvenil. Portanto, tomamos como base para o presente diálogo a concretude advinda de investigações e pesquisadores/as no campo das Geografias das Juventudes, uma imersão nos conceitos e métodos geograficamente aplicados por estes/as em suas pesquisas. Por não se tratar, nessa etapa, de uma pesquisa de estado do conhecimento, nosso intuito não é esgotar as abordagens geográficas existentes, sequer nos comprometermos em buscar todo o montante de produtos acadêmicos disponíveis, mas apresentar parte das perspectivas, de modo a fundamentar a existência e principais tendências desta subárea, conforme mencionado anteriormente, assim como a impossibilidade de se pensar as juventudes desassociadas do espaço.

Deste modo, é possível constatar no movimento dessa pesquisa as múltiplas possibilidades de abordagens geográficas na interface dos estudos urbanos, das culturas juvenis e espacialidades, dos territórios e territorialidades juvenis, da educação geográfica e cidadania juvenil, dentre outros. Apesar de grande parte dessas classificações estar em constante diálogo nos trabalhos averiguados, e da nossa defesa acerca da não-fragmentação dos movimentos de interlocução científica com uma determinada coletividade, como a dimensão da cidade e das territorialidades urbanas, estabelecer possíveis categorizações que tratam de combinar e classificar discursos similares entre os trabalhos selecionados na presente análise nos parece adequado aos propósitos da revisão da literatura.

Ainda que não seja o único espectro existente, a generalização da ideia de territorialidade(s), considerando as práticas juvenis nos espaços urbanos, torna-se um bom exemplo deste exercício, haja vista as abordagens em torno da juventude no campo. No entanto, não podemos deixar de mencionar que a cidade é, sem dúvidas, um locus privilegiado de observação e expressão das práticas espaciais dos jovens e dos agrupamentos juvenis (Cassab, 2012).

Decerto, o que propomos é um exercício de organização da escrita e do raciocínio, da classificação das perspectivas geográficas em curso nos estudos sobre

juventude vigentes, um reconhecimento acerca do movimento de constituição de tendências de pesquisa, avanços e ausências de um subcampo do conhecimento geográfico. A pluralidade de saberes e instrumentos de reflexão sobre as Juventudes em sua interface com a educação em Geografia, considerando o montante de produtos acadêmicos indexados na WoS, sob vastas áreas de conhecimento, provenientes de inúmeras regiões do mundo, instituições de ensino, pesquisadores/as, periódicos científicos, dentre outros, encaminha importantes chaves analíticas sobre as potentes contribuições da Geografia na constituição de políticas públicas e práticas de promoção ao direito e à cidadania das juventudes na escola, bem como das suas identidades, práticas espaciais e territorialidades, incluindo nossa realidade brasileira.

### **Análise Bibliométrica das pesquisas sobre juventudes e educação geográfica**

Por meio do montante de dados exportados da plataforma *Web of Science*, conseguimos desenvolver um conjunto de produtos estatísticos que nos auxiliam na visualização dos elementos e na reflexão sobre as categorias de busca previamente estabelecidas. Os 205 artigos gerados com o uso dos descritores e operadores booleanos "*Youth AND Geography AND Geography Education*", bem como dos filtros de tipos de documentos (Artigos) e áreas de pesquisa (Geografia e Educação), constituíram nosso corpus analítico.

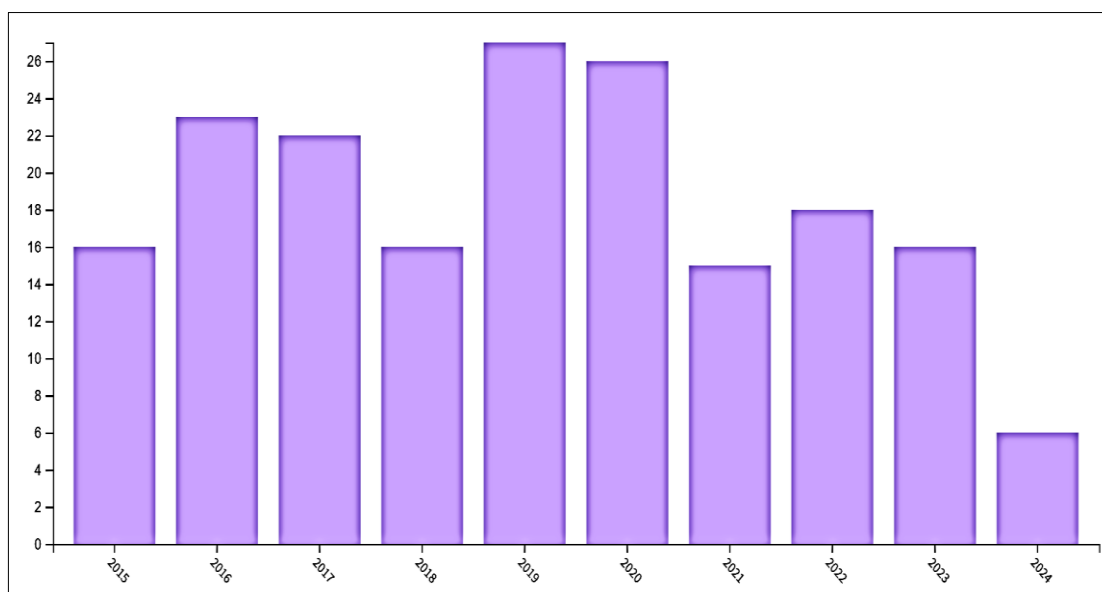
Quadro 1- Caracterização geral dos dados selecionados

Descrição	Resultados
Recorte temporal	1990 - 2024
Artigos	205
Média de citações por documento	18,03
Fontes (periódicos, livros, etc.)	92
Palavras-chave	488
Quantidade de autores	357
Co-autoria por documento	2,01
Co-autorias internacionais %	13,17

**Fonte:** *Web Of Science (WoS)*, organizado por Mendes (2024).

O quadro 1 acima nos apresenta uma caracterização, de modo mais geral, dos principais aspectos passíveis de análise dentro da própria plataforma *Web of Science*. O primeiro elemento diz respeito ao recorte temporal dos trabalhos encontrados, que, até o momento da análise, variam entre os anos de 1990 e 2024. Houve um aumento significativo no número de publicações a partir de 2015, com uma média de 16 publicações anuais, representando cerca de 6,8% do total quantitativo. Conforme observado no gráfico 1, a produção apresentou certa oscilação, atingindo o pico nos anos de 2019 e 2020, com aproximadamente 25 trabalhos publicados anualmente.

Gráfico 1- Evolução da produção Científica Anual



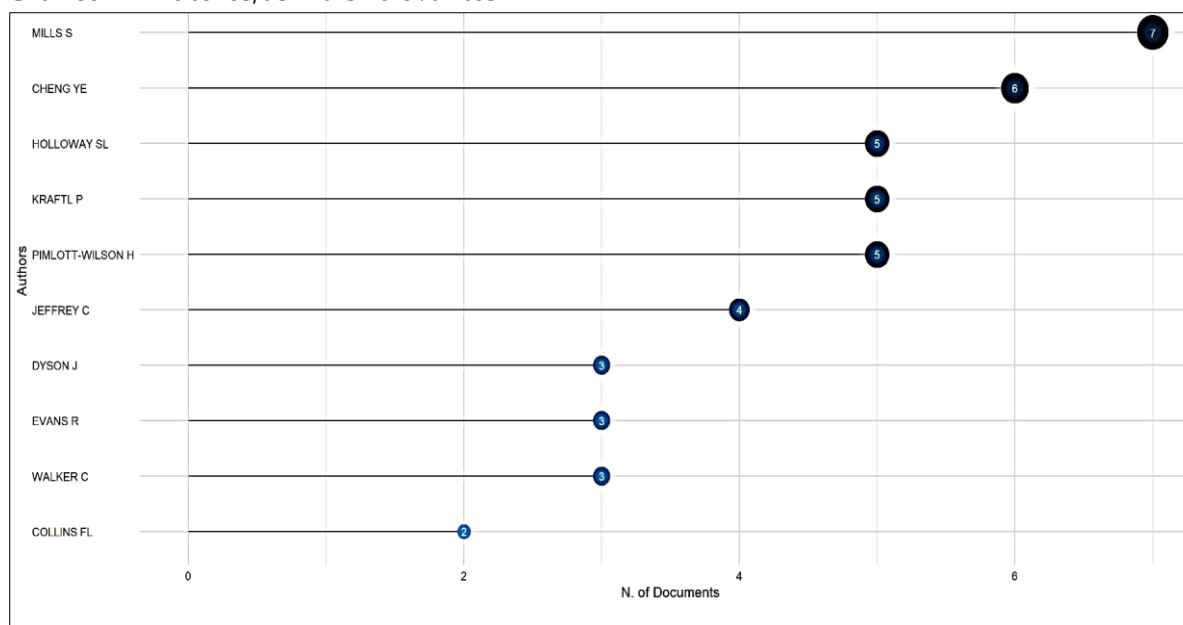
**Fonte:** *Web Of Science (WoS)*, organizado por Mendes (2024).

Ao verificarmos os resumos dos trabalhos referentes a esse período de máxima produção, não conseguimos encontrar um elemento aglutinador entre os mesmos, capaz de justificar o aumento significativo da produção de trabalhos. Sabemos que em 2020 foi dado início a uma dura batalha contra a pandemia de Covid-19, todavia, não há indícios suficientes que apontem a relação para com a crise sanitária, além do fato de sabermos que a relação escrita, submissão, avaliação e publicação dos artigos demanda de um tempo editorial alargado, logo, as publicações neste ano de 2020

podem estar expressando resultados de pesquisas realizadas em anos anteriores. No entanto, percebe-se a manutenção de uma média de 14 ou mais trabalhos anualmente publicados, um interessante contínuo de estudos e produtos acadêmicos sobre juventude e educação geográfica no passar dos anos, o que nos dá insights sobre o fortalecimento das discussões em médio a longo prazo.

Dentre outros aspectos notáveis no Quadro 1, temos a média de citações por documento (cerca de 18,3), o total de fontes provenientes dos dados selecionados (92), entre livros e periódicos científicos, o número de palavras-chave (488) e o total de autores (357), sendo apenas um pouco mais de duas coautorias por artigos.

Gráfico 2 - Autores/as mais relevantes



**Fonte:** WoS com uso do software *Bibliometrix*, organizado por Mendes (2024).

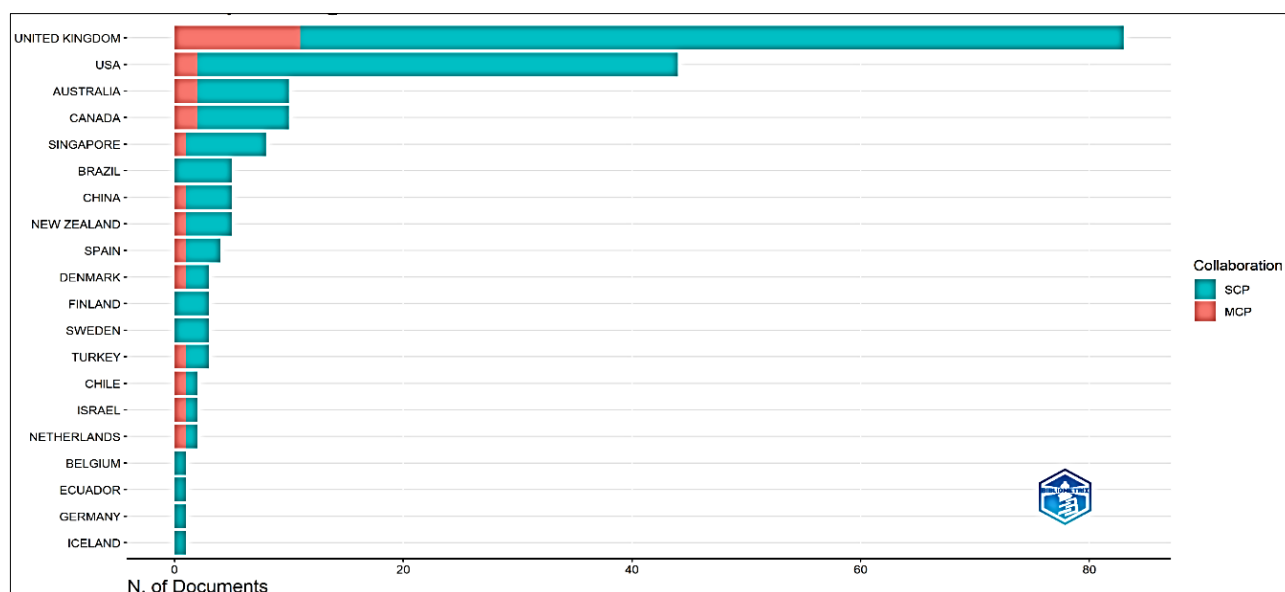
Ainda abordando as autorias dos artigos, o gráfico acima (gráfico 2) apresenta os principais nomes, os mais relevantes no que diz respeito à discussão sobre juventudes e educação geográfica, lembrando que, neste caso, está relacionado à quantidade de trabalhos publicados e indexados na WoS por autoria. Os dois autores mais relevantes são Mills S (Sarah Mills), com 7 publicações indexadas na WoS, e Cheng YE (Yí'En Cheng), com 6 publicações no total.

A Profa. Dra. Sarah Mills é docente no Departamento de Geografia e Meio Ambiente da *Loughborough University* (Inglaterra, Reino Unido) e desenvolve

pesquisas de longa data sobre geografias das crianças e dos jovens em espaços formais e não formais de educação, com foco nas práticas cidadãs e nas experiências de voluntariado de jovens no Reino Unido. Já o Prof. Dr. Yi'En Cheng está vinculado ao *NUS College da National University of Singapore*, com atuação em pesquisas sobre Geografias da Educação e dos Jovens, tendo como aspecto central de suas pesquisas as mobilidades internacionais de estudantes jovens, cidadania, políticas juvenis e educação em contextos globais.

Os três autores subsequentes, cada um com 5 publicações indexadas na WoS — Holloway SL (Sarah Holloway/ *Loughborough University*), Krafft P (Peter Krafft/ *University of Birmingham*) e Pimlott-Wilson H (Helena Pimlott-Wilson/ *Loughborough University*) — compartilham linhas de investigação sobre educação geográfica e aprendizagem em Geografia com algumas especificidades. Delineando esses aspectos, a Profa. Dra. Sarah Holloway, por exemplo, tem discutido as Geografias das Infâncias e das Juventudes e, no que diz respeito aos jovens, têm abordado as implicações das questões de gênero, sexualidade e religião frente às trajetórias de deslocamento internacional para acesso ao ensino superior.

Gráfico 3- Países dos autores correspondentes

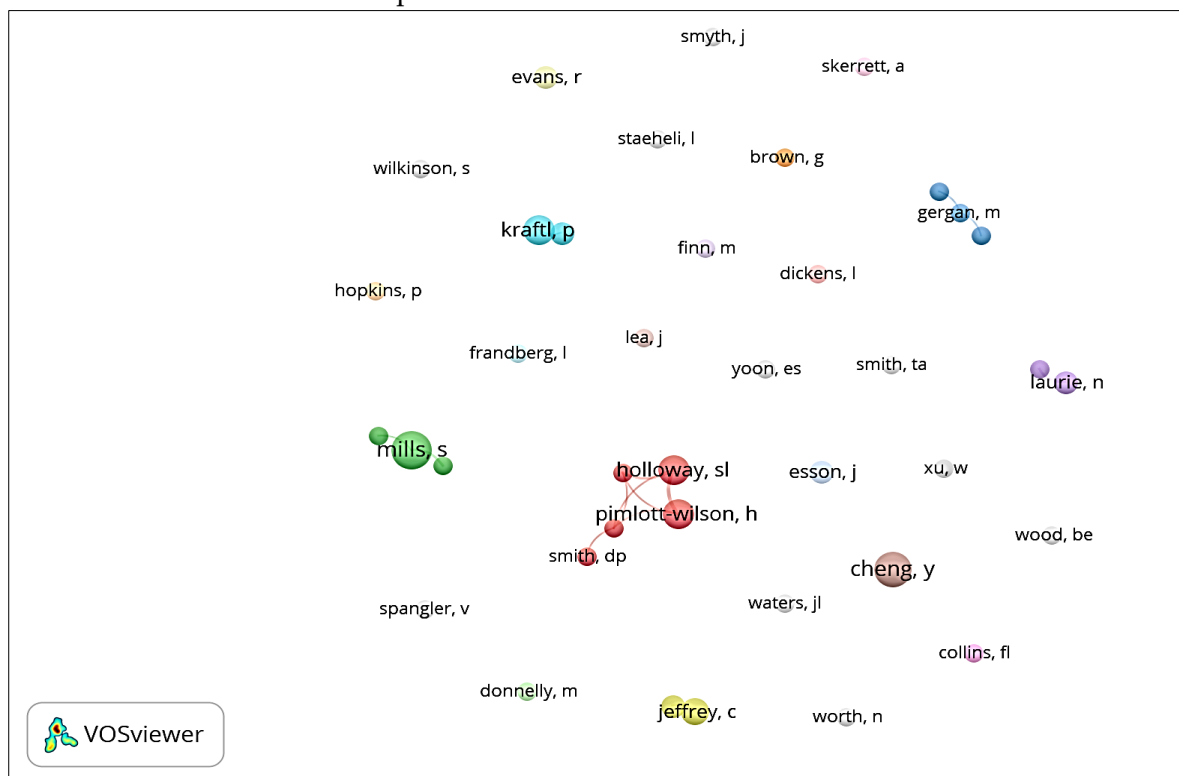


Fonte: WoS com uso do software *Bibliometrix*, organizado por Mendes (2024).

O Prof. Dr. Peter Krafft também desenvolve pesquisas no campo da Geografia das Infâncias, com foco nas experiências e interações de crianças e jovens com o meio ambiente. Já a Profa. Dra. Helena Pimlott-Wilson desenvolve pesquisas relacionadas às projeções da escola para o trabalho e as aspirações da vida familiar para jovens provenientes de contextos socioeconômicos diversos.

Cabe mencionar que os três autores estão ligados a instituições de ensino superior do Reino Unido, um elemento ratificado pelo gráfico 3 sobre as principais instituições de correspondência dos autores, onde o Reino Unido se destaca com mais de 80 documentos dos 205 analisados. As cores vermelha e azul permitem diferenciar o índice de colaboração entre autores do mesmo país (*SCP - Single Country Publications*) e a colaboração entre diferentes países (*MCP - Multiple Country Publications*). Entre todos os países analisados, observa-se um quantitativo significativo de publicações entre autores do mesmo país, inclusive o Brasil, que ocupa a 6ª posição no gráfico.

Gráfico 4- rede de co-autorias por autores



Fonte: WOS com uso do software VOSviewer, elaborado e organizado por Mendes (2024).

O mapa de redes disposto acima (gráfico 4) nos traz algumas considerações sobre as coautorias dos documentos, ou seja, as relações de cooperação existentes entre autores/as no rol de publicações científicas da nossa amostragem, possibilitando-nos a análise e visualização dos padrões de colaboração dentro de uma comunidade de pesquisa.

Para entender os elementos presentes no mapa, achamos interessante uma explicação mais objetiva sobre os nós, arestas, clusters e cores. Os nós no mapa representam os autores/as, e o tamanho dos nós indica o número de publicações ou a quantidade de colaborações em que cada pesquisador/a está envolvido. As arestas entre os nós representam a relação de coautoria, enquanto a espessura destas indica a frequência das colaborações. Os nós são geralmente agrupados em clusters que representam subgrupos de autores que colaboram frequentemente entre si e, para facilitar a identificação, adotam-se diferentes cores. A proximidade entre nós também pode nos indicar informações pertinentes sobre o grau de colaboração, tendo em mente que autores/as que colaboram frequentemente tendem a estar mais próximos no mapa.

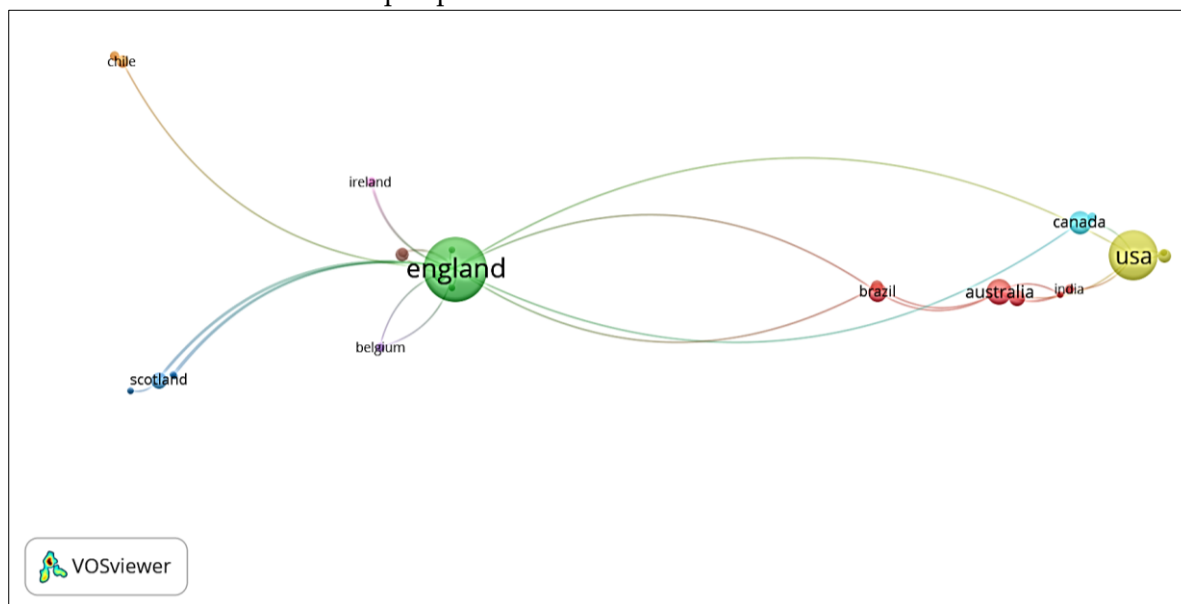
Considerando esses esclarecimentos, podemos ler os dados presentes no mapa em tom dialógico com o que debatemos anteriormente sobre o gráfico de autorias mais relevantes e o de países dos autores correspondentes, destacando-se, em primeira mão, o Reino Unido. Dentre os 28 clusters presentes no mapa, ou seja, dos grupos com maior proximidade no que diz respeito à escrita conjunta de artigos, temos maior destaque nos clusters de cor verde, vermelho, marrom e azul.

O cluster verde, constituído pela centralidade do trabalho da Profa. Dra. Sarah Mills (Reino Unido), apresenta o maior nó do mapa, ou seja, o maior número de publicações. Todavia, com linhas de espessura fina e poucas arestas, o que temos é uma rede colaborativa restrita no sentido de publicação conjunta. Em relação ao cluster marrom, este pode ser visto como o segundo maior nó da rede, identificado pela produção acadêmica do Prof. Dr. Yi En Cheng (Singapura), entretanto, as

colaborações por intermédio das arestas e conexões com outros nós também são pouco expressivas.

O cluster azul anil, representado principalmente pela atuação do Prof. Dr. Peter Krafft (Reino Unido), além de menor produção acadêmica, haja vista o tamanho dos nós em comparação aos outros aqui citados, também apresenta arestas ainda menos evidentes. Todavia, no que concerne maior complexidade na rede colaborativa, temos o cluster vermelho, composto principalmente pelas fortes interações das professoras do Reino Unido, Sarah Holloway e Helena Pimlott-Wilson, elemento representado pela espessura da linha conectora, bem como pelo tamanho similar dos nós, denotando um quantitativo similar de publicações dentro da nossa amostragem, sendo grande parte de artigos em que ambas estão na condição de coautoras.

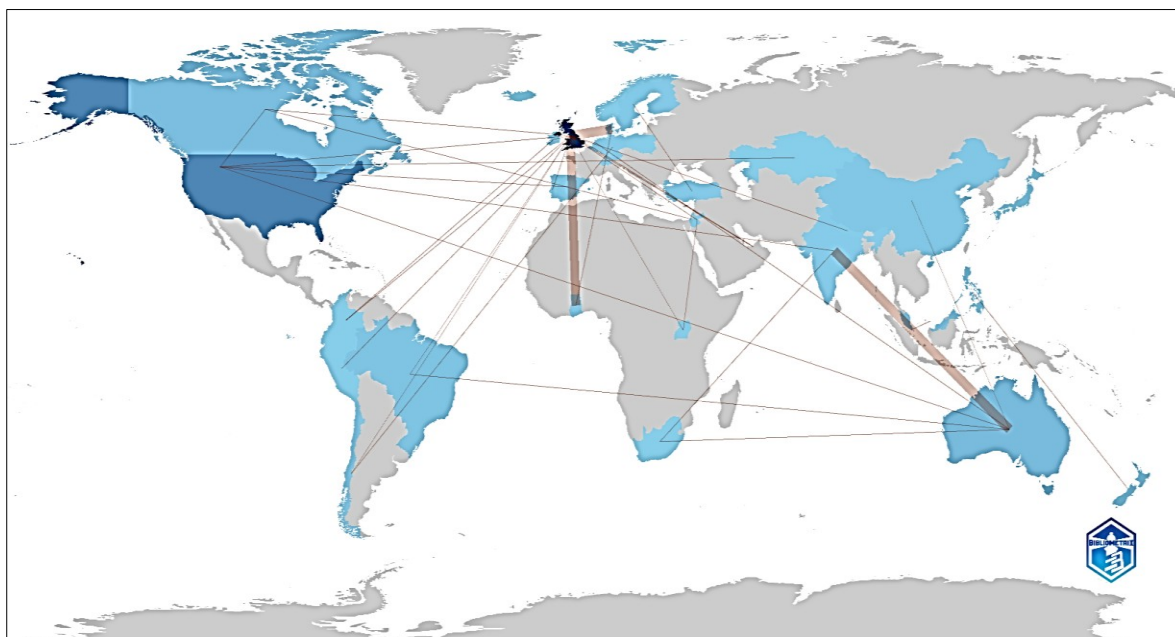
Gráfico 5- rede de co-autoria por países



Fonte: WOS com uso do software *VOSviewer*, organizado por Mendes (2024).

Assim, conforme observamos na representação da rede de coautoria por países acima (gráfico 5), o principal nó e o maior cluster são de pesquisadores do Reino Unido. Apesar da importante contribuição e exceção da produção científica de outras regiões do mundo, prevalece o vanguardismo e a hegemonia de instituições britânicas, como a *Loughborough University* e a *University of Birmingham*, na promoção de conhecimentos sobre educação geográfica e juventudes.

Mapa 1- Colaboração entre países

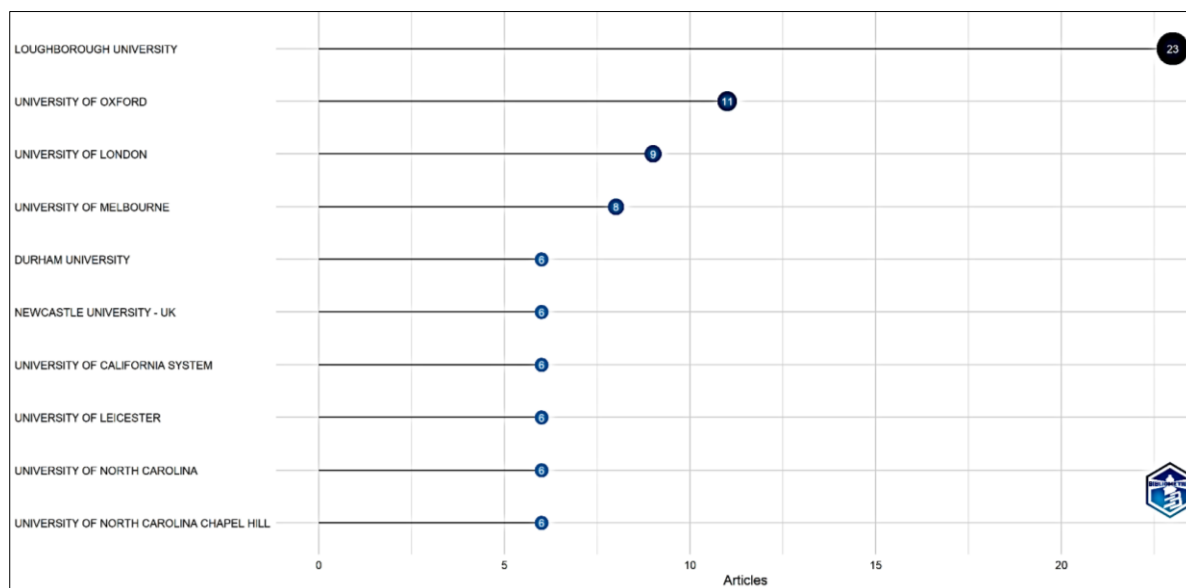


**Fonte:** WoS com uso do software *Bibliometrix*, elaborado e organizado por Mendes (2024).

A representação da colaboração entre os países (mapa 1) revela dois núcleos proeminentes em termos de trabalhos colaborativos. Primeiramente, observa-se o Reino Unido, que coopera com Gana e Dinamarca. Em seguida, destaca-se a Austrália, que mantém parcerias significativas em termos de produção científica com a Índia. No caso do Brasil, nosso levantamento bibliométrico evidencia relações estabelecidas com Austrália e Estados Unidos da América, especialmente no que tange aos debates sobre educação geográfica e juventudes.

É importante notar que a relevância de pesquisas cada vez mais concretas e diversas de grupos de pesquisa e docentes de outros países, em diferentes contextos socioculturais para além da Europa, tende a dialogar e suprir as necessidades que envolvem as juventudes, pluralizando suas experiências sociais e espaciais únicas nos âmbitos internacional, nacional, regional, estadual e local, em cada bairro, escola, sala de aula e lar.

Gráfico 6- Instituições mais relevantes

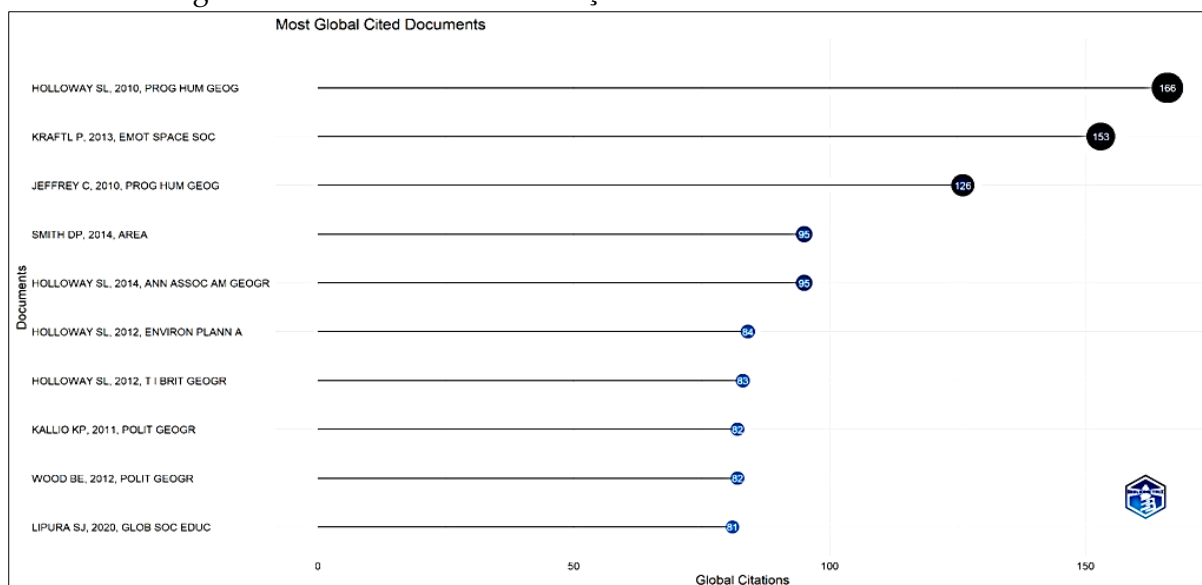


**Fonte:** WoS com uso do software *Bibliometrix*, elaborado e organizado por Mendes (2024).

Considerando as instituições de ensino com maior destaque (gráfico 6), a concentração de trabalhos provenientes do norte global é evidente, com um número significativo de estudos da *Loughborough University*, à qual uma fração substancial dos autores mais relevantes e citados está vinculada, seguida pela *University of Oxford* e *University of London*. De maneira mais geral, o gráfico inclui seis universidades do Reino Unido, duas dos Estados Unidos da América e uma da Austrália, destacando-se as afiliações predominantes nos estudos sobre juventude no mundo ocidental.

Acreditamos que grande parte dessa proeminência nos estudos juvenis no Reino Unido e nos Estados Unidos está relacionada aos antecedentes e ao pioneirismo da sociologia da juventude, que se desenvolveu vigorosamente nas décadas de 1960 e 1970 e com o avanço dos estudos socioculturais nesses países. No Reino Unido, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da *Universidade de Birmingham* teve um papel crucial, com destacados pesquisadores como Stuart Hall e Paul Willis, enquanto nos EUA, a Escola de Chicago, representada por figuras como Robert Park e Ernest Burgess, também contribuiu significativamente.

Gráfico 7- Artigos com maior número de citações



Fonte: WoS com uso do software *Bibliometrix*, elaborado e organizado pela autora (2024).

No que diz respeito aos artigos mais citados, podemos observar, no gráfico acima, (gráfico 7) que a posição dos autores considerados mais relevantes e com maior produção acadêmica na área varia. Nesse sentido, destaca-se em primeiro lugar o artigo "*Geographies of Education and the significance of children, youth and families*" da Profa. Dra. Sarah Holloway (2010), publicado no periódico *Progress in Human Geography*, com 167 citações até o momento da análise. Vale mencionar que este artigo possui três coautores, incluindo a Profa. Dra. Helena Pimlott-Wilson, mencionada anteriormente.

O artigo mencionado acima apresenta uma premissa de extrema relevância nos estudos juvenis na educação: a consideração dos jovens como sujeitos sociais, e não apenas como objetos da educação ou meros estudantes. Para Holloway et al. (2010), os contextos e realidades vivenciados pelas juventudes escolares no presente, assim como suas perspectivas futuras, são fundamentais e constituem conteúdos espaciais que devem ser analisados através da lente da Geografia, assim como pelas instituições educacionais, no que diz respeito à construção de um ambiente solidário para a socialização dos jovens.

Em vez de confiar em fórmulas adultocêntricas, que colocam os jovens como objetos da educação, as geografias da educação que se baseiam

MENDES, R. A.; STRAFORINI, R.

em *insights* do trabalho sociocultural sobre crianças, jovens e famílias precisarão *focalizar nas vozes e subjetividades dos jovens*. Isso nos permitirá destacar a importância das experiências educacionais dos jovens no presente, além de nos preocuparmos com os impactos futuros da educação, encorajando-nos a envolver os jovens como atores conhecedores, cujas visões de mundo atuais e futuras são dignas de investigação (Holloway et.al, 2010, p. 594, destaque e *tradução nossas*)

Ao defender essas concepções de educação geográfica, torna-se evidente que os autores buscam ampliar a perspectiva educacional do ato de ensinar e aprender Geografia para além dos espaços formais de aprendizagem, enfatizando a importância da interação com outros espaços que permeiam a vida cotidiana das juventudes.

Outro aspecto interessante abordado no artigo supracitado é a percepção da escassez de pesquisas no sul global sobre geografias da educação e as perspectivas relacionadas às relações entre família, infância e juventude. Para os autores, continua presente a ideia de que as futuras agendas de pesquisa devem buscar uma visão global mais equilibrada, priorizando diferentes formas de observar os espaços e práticas socioespaciais, que não se restrinjam apenas ao ponto de vista do norte global.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao artigo mais citado, temos "*Beyond 'voice', beyond 'agency', beyond 'politics'? Hybrid childhoods and some Critical reflections on children's emotional geographies*" (2013) do Prof. Dr. Peter Kraftl, publicado na revista *Emotion, Space and Society*, com 153 citações. Logo em seguida, temos o artigo do Prof. Craig Jeffrey da *University of Melbourne* (Austrália) na revista *Progress in Human Geography*, intitulado "*Geographies of children and youth I: eroding maps of life*" (2010), com um total de 127 citações.

Ambos os autores realizam análises detalhadas sobre as Geografias das Infâncias, abordando desde a perspectiva epistemológica da Geografia na compreensão das vivências de crianças e jovens até alguns aspectos metodológicos. Para Peter Kraftl (2013), os estudos sobre infâncias e ativismo juvenil não devem limitar as formas colaborativas de agência política apenas à expressão vocal, considerando que a socialização juvenil e as emoções derivadas do engajamento

coletivo constituem experiências únicas acerca das implicações e manifestações emocionais nas interações espaciais dos jovens, como observado nos movimentos políticos, como a Revolução Laranja na Ucrânia<sup>3</sup>.

Citado e referenciado pelo autor mencionado acima, o trabalho de Craig Jeffrey (2011) lança luz sobre o entendimento e o mapeamento das Geografias das Crianças e dos Jovens na interface da globalização e das profundas mudanças nos campos educacional e de trabalho. Desde as reestruturações e reformas nos currículos da educação formal até os impactos do mundo do trabalho diante da flexibilização e precarização das economias de plataforma e do capitalismo informacional.

Não podemos deixar de mencionar que este subcampo da Geografia Humana, conhecido como "*Children's Geographies*", do qual derivam com grande ímpeto os artigos mencionados até aqui, levanta questões iniciais sobre os limites e as potencialidades do status juvenil dentro desse subcampo, especialmente considerando a própria categorização que enfatiza as Geografias das Crianças.

Pensando nesses aspectos e buscando mais informações sobre as *Children's Geographies*, nos debruçamos sobre inúmeros artigos e trabalhos deste subcampo. Aprendemos com Kraftl, Horton e Tucker (2014) sobre a abrangência e interdisciplinaridade dos estudos com crianças e jovens, destacando a centralidade das experiências vividas e dos lugares na construção social e espacial das infâncias e juventudes, como aspectos identitários e cognitivos das relações entre sociedade e ambiente.

Nossas inquietações derivam das abordagens das crianças e jovens na Geografia brasileira, considerando grupos que debatem as Geografias das Crianças, como o Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância - GRUPEGI/UFF, e as Geografias das Juventudes, exemplificado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação - GEPJUVE/UFRGS, os quais atuam de maneira não

---

<sup>3</sup> Entre 2004 e 2005, um amplo movimento de protesto popular, conhecido como Revolução Laranja, surgiu na Ucrânia em resposta a acusações de fraude nas eleições presidenciais. A juventude ucraniana teve um papel crucial na organização e mobilização dos protestos, promovendo ações de conscientização sobre a importância de eleições livres e o combate à corrupção. Os jovens utilizaram ferramentas como celulares e internet para compartilhar informações e coordenar protestos, ampliando o alcance e a rapidez da mobilização popular.

necessariamente integrada. Não estamos estabelecendo aqui uma perspectiva restritiva sobre os debates envolvendo ser criança ou jovem e os possíveis intercâmbios teórico-analíticos. Estamos apenas destacando, de maneira geral, como essas abordagens se apresentam no panorama da Geografia Humana brasileira, com perspectivas autônomas de análise das juventudes na Geografia, sem necessariamente estarem interconectadas aos estudos infantis.

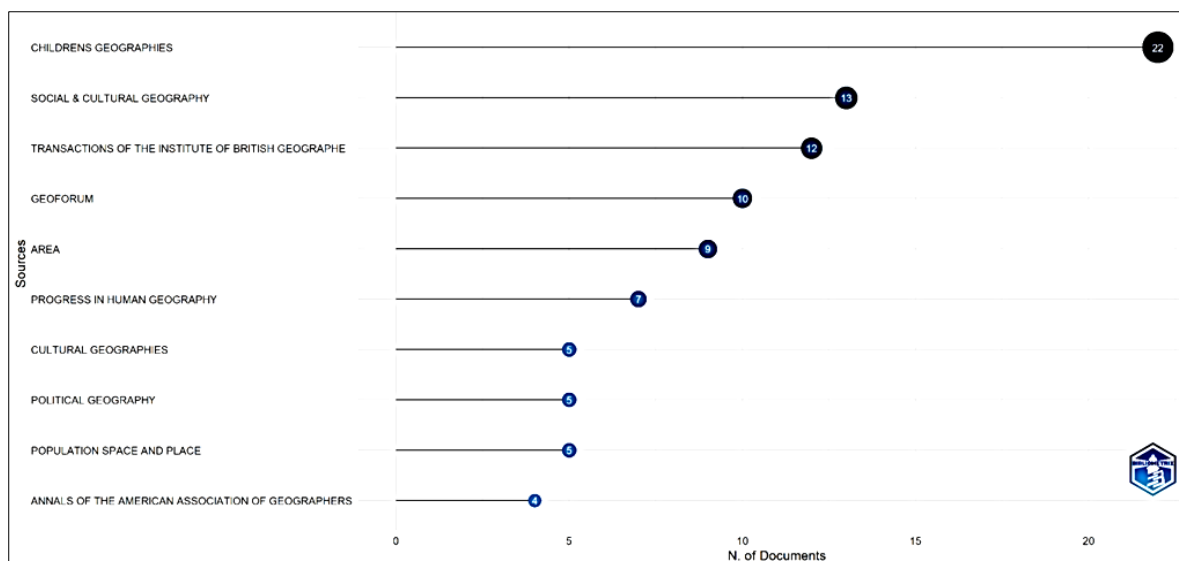
Quando analisamos educação geográfica no Brasil, encontramos importantes chaves de análise didático-pedagógica que envolve os sujeitos do Ensino Fundamental I (crianças), aprendendo Geografia por meio da mediação do professor-pedagogo. No Ensino Fundamental II e no Ensino Médio (jovens), o professor de Geografia passa a mobilizar efetivamente os conteúdos, com destaque para o Ensino Médio, onde a disciplina no 2º e 3º anos foi incorporada aos itinerários formativos, em resposta às demandas do Novo Ensino Médio.

O que estamos discutindo aqui diz respeito aos sujeitos de cada uma dessas etapas e aos diferentes conhecimentos geográficos e pedagógicos articulados em cada uma delas, considerando suas peculiaridades. O Ensino Médio é um campo de grande relevância nos estudos juvenis brasileiros, sendo a última etapa da Educação Básica, com pesquisas que frequentemente se concentram no jovem estudante (Vanderlei; Pereira, 2019), o que nos leva a questionar as lacunas em uma visão mais integrativa, desde as denominadas Geografias das Famílias (Martins, 2022), presente em grande parte de nosso corpus analítico e destacado nos debates dos artigos e autorias mais relevantes, até a interface entre juventudes e infâncias frente às disputas e ao engajamento político anti-adultocêntrico<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Uma análise acerca dos currículos acadêmicos de pesquisadores/as brasileiros/as no subcampo da Geografia das crianças e dos jovens, tais como o Prof. Dr. Jader Janer (UFF), Profa. Dra. Maria Lídia Bueno (UNB), Prof. Dr. Nécio Turra Neto (UNESP), Prof. Dr. Víctor Nedel (UFRGS) e Profa. Dra. Clarice Cassab (UFJF), destaca-nos alguns diálogos acerca da interação entre as categorias Jovem e Criança, grande parte por intermédio de eventos científicos, parecer de periódicos ou mesmo da participação em bancas avaliadoras de trabalhos acadêmicos. No entanto, a produção de artigos e livros que traçam diálogos entre esses dois campos ainda é tímida, com maior destaque nas produções da Profa. Dra. Maria Lídia Bueno e Prof. Dr. Jader Janer, a exemplo do livro "Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões" (2022) publicado pela editora na UNB. Decerto, não há em nossas considerações nenhuma tentativa de enquadrar isto como uma significativa perda para os estudos e pesquisas em Geografia no nosso país, apenas pontuar como decorrem distintos olhares e estágios de análise entre grupos de pesquisa e pesquisadores/as do sul e norte global. Algo que, em certa medida, nos parece válido e deflagra a pluralidade e diversidade do subcampo.

Gráfico 8- Periódicos mais relevantes



Fonte: WoS com uso do software *Bibliometrix*, elaborado e organizado por Mendes (2024).

É possível seguir delineando tais nexos sobre o debate das geografias das crianças, haja vista os dados que obtivemos na bibliometria, a partir das principais fontes ou periódicos científicos, onde os artigos aqui analisados foram outrora publicados (gráfico 8). Em primeira colocação no gráfico temos a revista *Children's Geographies*<sup>5</sup> com 22 artigos do total da nossa amostragem.

Trata-se de um periódico internacional revisado por pares que publica investigações no campo das perspectivas geográficas e espaciais de crianças, jovens e famílias. Apesar do enfoque geográfico, a revista também acolhe debates multidisciplinares em áreas como Sociologia, Antropologia, Estudos Culturais, dentre outros, constituindo um relevante editorial de contribuições teóricas, metodológicas e empíricas para o campo da presente investigação.

Os demais periódicos presentes no gráfico, em teor distinto, não dispõem de um recorte acurado acerca da condição juvenil na análise geográfica, estes abordam noções mais amplas que envolvem desde aspectos da geografia cultural, populacional e política. Nos parece válido pensar que tais periódicos deflagram a pluralidade dos diálogos em torno da categoria jovem na geografia, bem como revela o movimento de

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre o periódico, desde o escopo de investigação, objetivos, critérios de submissão, até mesmo acesso às edições, verificar o *website*: <https://www.tandfonline.com/journals/cchg20>.



um cluster de palavras mais específicas sobre os diálogos abordados nesta pesquisa. A consideração do jovem como estudante, no contexto de sua vida escolar e na dimensão da aprendizagem em Geografia, implica atribuir significado, memória e práticas alinhadas às experiências vividas pelos sujeitos escolares, parte fundamental dos quais são os jovens. Portanto, é urgente pensar nos estudantes não apenas como estudantes, mas como jovens, considerando sua condição juvenil, identidades, culturas e interseções de classe, raça e gênero como elementos a serem incorporados ativamente nas práticas pedagógicas de Geografia, sem estigmatização ou tentativas de homogeneização dos corpos juvenis.

Necessário se faz, assim, entender o jovem em sua complexidade e diversidade, sem estereótipos, preconceitos, padronizações, enfim, entender juventude como uma identidade importante para os alunos, marcada por um momento de se distinguir do adulto e ao mesmo tempo da criança, o que os faz perceber-se semelhante a outros e ao mesmo tempo lhes permite afirmar sua diferença (Cavalcanti, 2013, p.79)

Através deste raciocínio, a mobilização e problematização das práticas espaciais cotidianas dos jovens nos espaços formais e não-formais de educação em Geografia demonstram sua importância. Estamos analisando trabalhos que adotam uma abordagem geográfica, com reflexões centradas, entre outros aspectos, no espaço, nosso conceito-chave ("*Spatial*"), da dimensão espacial percebida, concebida e vivida em vários contextos, com especial atenção ao contexto urbano, como nossa nuvem de palavras visualmente nos direciona para um recorte privilegiado das ações juvenis no espaço urbano ("*urban*").

As questões urbanas são frequentemente abordadas nos estudos juvenis por várias razões, incluindo a alta concentração de jovens em áreas urbanas devido às oportunidades educacionais, laborais e culturais disponíveis. Além disso, a diversidade e complexidade da vida urbana em termos étnicos, econômicos, religiosos, entre outros, oferece um vasto campo para análise e reflexão sobre as interações das juventudes com o ambiente urbano, as implicações da vida urbana em seus

comportamentos, valores e aspirações juvenis, além das questões como pobreza urbana, acesso à moradia, escolas, creches, universidades, saneamento básico, transporte urbano, tecnologia e outros elementos essenciais para uma vida digna nas cidades.

Em diálogo com os estudos urbanos, outro tema destacado na nuvem de palavras é a cidadania. Este conjunto de direitos e deveres que um indivíduo possui em relação à sociedade inclui desde a participação ativa na vida política da comunidade até o respeito às leis e contribuição para o bem-estar coletivo. A cidadania juvenil implica não apenas o exercício de direitos por um grupo vulnerável, mas também a assunção de responsabilidades e uma conduta ética e solidária na dinâmica cotidiana dentro e fora da escola.

Dentre os papéis da Geografia como disciplina escolar está o de promoção de práticas socioespaciais cidadãs. Acreditamos que nossa ciência, por meio de seus conceitos, métodos e abordagens dos fenômenos sociais, permite estabelecer com os jovens estudantes diversas formas de mobilização do conhecimento geográfico como uma ferramenta para compreender o mundo (Marthins de Araújo Junior; Diogo, 2021) e as experiências que moldam suas identidades, revelando os processos formativos, dinâmicos e controversos da sociedade em que estão inseridos.

Na nossa visão, o foco significativo nos debates sobre cidadania nos estudos de educação geográfica e juventudes, conforme evidenciado nesta bibliometria, destaca a urgência e a relevância dessa análise, assim como a força teórica, pedagógica e epistemológica da Geografia na promoção da cidadania juvenil. Este caminho persiste em direção ao objetivo de uma aprendizagem mais equitativa, justa e consciente na consideração e promoção dos direitos dos jovens nos ambientes educativos.

### **Considerações finais**

Dentre as muitas preocupações que nos acompanharam durante a construção deste trabalho, estava o receio de desenvolver uma pesquisa que não se limitasse a

uma mera mensuração de registros bibliográficos. Reconhecemos os pressupostos de uma pesquisa bibliométrica, onde o aspecto quantitativo é crucial para a análise geral do estado do conhecimento em uma área ou subárea. No entanto, nosso objetivo era extrair *insights* qualitativos relacionados aos estudos juvenis da Geografia, especialmente na educação geográfica, permitindo reflexões sobre o caminho que temos percorrido: das vertentes de pesquisa existentes às que necessitam de maior atenção, das potencialidades às lacunas, das semelhanças e diferenças entre os países pioneiros e a realidade da pesquisa brasileira sobre Geografia das juventudes.

Acreditamos que muitos dos nossos receios não se concretizaram, graças às descobertas proporcionadas pela bibliometria, que nos permitiram ir além da simples constatação de uma realidade científica distante, sem estabelecer qualquer tipo de diálogo com a bibliografia brasileira que trata da temática. No entanto, é importante salientar que estamos abordando apenas uma parte do panorama geral e não podemos ignorar a existência de outras bases de dados, tipos de produtos acadêmicos, trabalhos não indexados nesta plataforma, teses, dissertações, projetos de pesquisa e redes de colaboração que não foram abrangidos por nossas análises.

Do total de trabalhos encontrados, apenas 5 são de autorias de pesquisadores brasileiros, o que não significa que os assuntos sobre juventude e educação em geografia não seja de interesse da comunidade geográfica brasileira. A título de exemplo, apenas do Grupo de Trabalho (GT) 5: Juventudes e o Ensino de Geografia do XVI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, realizado em setembro de 2024 na Universidade de São Paulo, foram 14 trabalhos inscritos e aprovados, que constam em seu caderno de programação. Os dados que por ora levantamos no WoS revelam também uma geopolítica internacional da produção científica, em que muitos dos periódicos internacionais, aqui destacados, não são acessados por pesquisadores do sul global, seja por motivos linguísticos ou financeiros por se tratarem de periódicos não abertos, o que não significa uma menor qualidade das publicações em periódicos nacionais brasileiros.

Certamente, há muito mais a ser explorado em nossos alinhamentos, mas acreditamos que os dados levantados aqui destacam aspectos importantes. A evolução anual da produção científica, por exemplo, demonstra uma continuidade significativa nas pesquisas sobre juventudes e educação em Geografia nos últimos 10 anos. Apesar de picos de produção em períodos como 2019 e 2020, a tendência geral é positiva, o que é encorajador para a consolidação desses debates na ciência geográfica.

Outro ponto a ser considerado é a necessidade de aprofundar as redes de colaboração científica, que ainda são incipientes no sul global, com uma predominância significativa de perspectivas europeias e ocidentais. Isso representa um vasto campo a ser explorado, especialmente considerando a diversidade de experiências e contextos socioculturais das juventudes latino-americanas.

Além disso, gostaríamos de salientar algumas lacunas nas temáticas das pesquisas selecionadas, especialmente a partir de nossas análises dos títulos, resumos e palavras-chave adotadas pelos pesquisadores. A abordagem tímida das pesquisas em relação aos marcadores da diferença, baseados em recortes raciais, étnicos e de gênero, trouxe alertas e suscitou preocupações sobre a importância da ampliação das práticas antirracistas em nossa área de estudo.

Mais do que meras sugestões sobre o caminho frutífero que vem sendo traçado no subcampo dos estudos juvenis na Geografia nacional e internacional, queremos destacar a importância de que esse percurso seja acompanhado pelos denominados "novos" temas geográficos e pelos "recortes" sociais. Também questionamos o lugar secundário, por vezes hostilizado, que essas exigências encontram diante dos resquícios das geografias coloniais. Afinal, esses debates não são tão novos assim, considerando as décadas de luta dos movimentos sociais em prol de políticas educacionais e curriculares mais equitativas (Gomes, 2017). Não devemos pensar em raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, regionalidade e etnia como partes isoladas da pesquisa, ou como aspectos separados de um indivíduo.

As juventudes não são "recortadas" por esses aspectos mencionados; elas são integralmente atravessadas, interseccionadas e interconectadas pela multiplicidade de manifestações identitárias que compõem um eu/ser complexo e multifacetado, tanto individual quanto coletivamente. Apesar de termos abordado anteriormente a pluralidade de temas de pesquisa evidentes nos registros bibliográficos selecionados, ainda há muito a ser pensado sobre a diversidade da condição juvenil em relação ao espaço, seja ele escolar, religioso, do bairro em que vivem, da rua, da cidade, das comunidades rurais, das culturas populares regionais, e sobre os diferentes corpos — negros, brancos, migrantes, do sul, do norte, quilombolas, indígenas, ciganos. Considerando também as homoafetividades, héteroafetividades, a transgressão dos gêneros e a quebra dos crivos morais centrados no cristianismo, entre tantos outros elementos existentes e sobrepostos que compõem a aquarela das geografias das juventudes. Seguimos colorindo!

### Referências

AGUILERA RUIZ, Óscar. Cultura política y política de las culturas juveniles. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v.15, n.50, pp. 91-102, 2010.

CASSAB, C. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Lócus (UFJF)**, v. 17, p. 145-159, 2012.

CARRANO, P. C. **Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência**. Comunicação. II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, Porto Alegre, 2009.

CARRANO, P.; MARTINS, C. M. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. especial, p. 74-86, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, v.2, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez. Culturas Juvenis em espaços escolares. **Salto para o Futuro**, v. 24, p.46-61, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Educação Cogeime**, Belo Horizonte, ano 13, n. 25, 2004.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015.

GLÄNZEL, W. **Bibliometrics as a research field**: a course on theory and application of bibliometrics indicators. 2003. Disponível em: [www.norslis.net/2004/Bib\\_Module\\_KUL.pdf](http://www.norslis.net/2004/Bib_Module_KUL.pdf). Acesso em: 20 Jan.. 2024.

HOLLOWAY, S. L.; HUBBARD, P., Joˆns, H.; PIMLOTT-WILSON, H. Geographies of education and the significance of children, youth and families. **Progress in Human Geography**, v.34, pp. 583, 2010.

HERRERA, M.; MUˆOZ, D. ¿Qué es la ciudadanía juvenil?. **Acciones e Investigaciones sociales**, 26, 189-206, 2008.

JEFFREY, Craig (2011). Geographies of children and youth II: global youth agency. **Progress In Human geography**, p. 1-9, 2011.

KRAFTL, Peter. Beyond ‘voice’, beyond ‘agency’, beyond ‘politics’? Hybrid childhoods and some critical reflections on children’s emotional geographies. **Emotion, Space and Society**, v.9, 13–23, 2013.

KRAFTL, P., HORTON, J., TUCKER, F.. **Children’s geographies**. Oxford Bibliographies Online: Childhood Studies, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. Itinerários formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. **Retratos da Escola**, v. 13, p. 59-75, 2019.

MARTINS, Isis do Mar Marques. Geografia da família, aspectos te-óricos e abordagens qualitativas: uma introdução. **Geografares**, [S.l.], v. 1, n. 34, p. 94–111, 2022.

MARTHINS DE ARAUJO JUNIOR, Aloysio; DIOGO, Maria Fernanda. Amálgamas entre o ensino de geografia e o protagonismo juvenil. **Linhas Crí-ticas**, [S. l.], v. 27, p. e36134, 2021.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens**: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes: a construção do estado da arte na Pós-Graduação brasileira. **PARA ONDE!?** (UFRGS), v. 17, p. 59-78, 2023.

ROQUE ASCENSÃO, Valéria de Oliveira. VALADÃO, Roberto Célia. Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.18, n.496(3), p.1-14, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Rev. Bras. Educ.[online]**. 2000, n. 13, pp. 73-94. ISSN 1413-2478.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos e identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

THELWALL, M. Bibliometrics to Webometrics. **Journal of Information Science**, 34, 605-621, 2008.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente: 2008. 516 p.

TURRA NETO, Nécio. Geografia cultural, Juventudes e Ensino de Geografia: articulações possíveis. **Revista Formação**, v. 01, p. 38-56, 2013.

VANDERLEI, S. A. V.; PEREIRA, C. M. R. B. Juventudes e ensino de Geografia: sujeitos, espaços e sentidos. **Revista Signos Geográficos**, [S. l.], v. 1, p. 21, 2019.

ZIMAN, J.M. **Reliable Knowledge**. Cambridge University Press, Cambridge, 1978.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP ( nº de processo 2021/12274-4).

---

Contribuição dos autores:

Autor 1 Elaboração, análise e discussão dos resultados.

Autor 2: Supervisão, análise final dos resultados e revisão do texto.

---

Disponibilidade dos dados:

Os dados da pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo

---